



UJCR

# ELEIÇÕES AS SOCIATIVAS e PERSPECTIVAS

A Academia de Coimbra acabou de viver um acontecimento, um acto eleitoral dos mais participados e significativos no movimento estudantil.

Pela primeira vez, desde o 25 de Abril, a direita concorreu à maior Associação de estudantes do país, onde, desde 1958, não se encontra uma DG ligada quer ao regime fascista, quer aos actuais arautos da direita e da recuperação capitalista.

Nas caiu toda a arrogância que, apesar da sua fachada "reformista", apareceu clara depois da 1ª volta, nos comunicados que a lista C fez sair. A lista C, representando os interesses de toda a direita, foi derrotada na maior votação que houve para a AAC nos últimos anos.

1-Para nós, a votação na lista C representou que, apesar da derrota que a direita sofreu, ela tem um certo peso eleitoral. Não que pensemos que os votos que a lista C conquistou sejam reacccionários na sua maioria. A campanha que a lista C desenvolveu, aproveitando-se demagogicamente de algumas reivindicações justas dos estudantes, como a actividade dos Serviços Sociais, a normalização da vida escolar, a qualidade do ensino, foi uma campanha enganadora.

Nós perguntamos: onde estavam os seus elementos quando várias vezes estes e outros problemas se passaram aos estudantes? Que fizeram pela sua resolução? Acaso fosse DG, que diria a lista C das medidas reacccionárias do MEC?

A prática da direita ao longo de um ano, nos órgãos directivos de algumas faculdades, demonstrou serem eles os aplicadores nas escolas das medidas anti-estudantis do MEC e dos Conselhos Científicos: o agravamento dos ritmos de trabalho, as medidas selectivas de avaliação de conhecimentos, as reestruturações anti-democráticas e anti-pedagógicas... A sua actuação foi procurar impedir a mobilização democrática dos estudantes para a discussão dos seus problemas e para a sua resolução.

A sua lista representava o destruir do movimento associativo dos estudantes e a sua luta.

A sua candidatura está integrada, num plano político mais geral, na avançada da direita e do fascismo que visa aliciar os quadros técnicos com promessas demagógicas que não pode cumprir, dada a sua completa submissão às exigências do imperialismo. Assim, promete-nos a ajuda profissional enquanto apoia a política do imperialismo de regresso da economia, impedida de se desenvolver a mais de 4%, que é a política do desemprego em massa; acena com a normalização da vida escolar enquanto, às ordens do FMI, apoia a redução drástica das verbas destinadas ao ensino. Depois de nos tentar aliciar com essas promessas demagógicas prepara o agravamento das condições de vida do Povo Português, e o ataque às conquistas e liberdades de Abril.

Por isso, a sua recusa representou uma clara derrota da direita e provou que, levantando o trabalho associativo, de base ao topo, a direita se é esmagadoramente derrotada.

2- As eleições demonstraram, igualmente, que era correcta a formação de uma lista única anti-fascista, reivindicação sentida por muitos estudantes e apontada pela UJCR em comunicado de 23-1-73, unindo todos os sectores anti-fascistas em torno de um projecto de luta capaz de dar nova vida ao movimento associativo.

Essa lista seria capaz de á partida logo na 1ª volta derrotar claramente a direita que levantava a cabeça.

Tal não o entendeu, ou não quis entender, a UBC.

É numa interpretação original da "unidade mais ampla" assumiu a responsabilidade de romper com o processo, apresentando uma lista partidária, claramente divisionista. Face a esta atitude divisionista e á necessidade de apresentar aos estudantes um projecto de unidade e luta, constituiu-se a lista D.

Esta foi projecto de unidade pela sua constituição, com base no trabalho desenvolvido na Academia e nos cursos pelos seus membros. Unidade, também, pelos esforços que desenvolveu e continuará a desenvolver no sentido de alargar a estudantes e sectores que não participaram na lista.

Foi alternativa de luta porque se identificou inteiramente com os objectivos de luta desenvolvidos pela Academia, no ano anterior, tendo-se nelas empenhado os seus membros, e pelo seu programa, assentando na mobilização dos estudantes para a discussão e resolução dos seus problemas.

Foi ainda unidade porque envolveu e lutou desde o início pela presença de sectores anti-fascistas mais amplos, representativos da luta da Academia, como eu sem posições partidárias.

De unidade e luta, o que ficou provado pela sua votação quase vitoriosa, a qual se deve fundamentalmente ao facto de que a lista D em carnava e desejo real dos estudantes anti-fascistas da Academia de que existisse uma lista única de esquerda, contra a avançada da direita. E isto apesar de que a lista D contou, na sua formação, não só com o cisionismo da UBC como também com a oscilação, a hesitação e até com a conciliação com a atitude da UBC por parte de certos sectores anti-fascistas que abandonaram este projecto de unidade e se deram a de esclarecer os estudantes sobre qual deveria ser o seu voto, apelando nos no ao voto em branco. Esta posição, longe de trabalhar para a unidade favoreceu a atitude deliberadamente errada da UBC e confundiu e dificultou a unidade anti-fascista.

3- Na 2ª volta a lista D tomou a posição, que apelámos, de apelar ao voto na lista B.

Apesar do sectorismo que presidiu á formação da lista B e do seu programa ser um amontoado de constatações, sem destacar as reivindicações essenciais dos estudantes, essa decisão foi correcta porque era necessário derrotar a direita e o seu projecto que, a ser eleito, seria a destruição do Movimento Associativo Democrático e o transformar da AAC numa sucursal da MEC.

A forte votação na lista B, na segunda volta, representa que um amplo sector da Academia de Coimbra votou pela defesa das conquistas dos estudantes, contra as medidas reacçãoárias da MEC e o avanço das forças de direita, de que a lista C era o representante directo.

Não tem sido esta a prática da UBC que, quer na ruptura no processo de unidade para a formação da lista única anti-fascista, quer no último comunicado da lista B, entende estar mais interessada em combater o caminho de luta pela defesa das conquistas de Abril do que em defendê-las, opondo-se abertamente á direita e ao fascismo (prática, aliás, que seguiu em todos os processos de luta da Academia, vergando-se ao Cardia e á direita). Assim se tem guiado a actuação do PC que, fomentando a expectativa e procurando aurrar os trabalhadores ao pacto social, faz-se passar por um parceiro social "colaborante".

É esta exigência de combate á direita que que a nova DG se vai ter de confrontar.

#### 4- QUAL ENTÃO A ALTERNATIVA QUE SE COLOCA A TODOS OS ESTUDANTES PROGRESSISTAS E AO MOVIMENTO ESTUDANTIL?

A questão fulcral para o reforço da luta contra o novo-velho MEC é a questão da unidade. E se a unidade de todos os sectores políticos e correntes de opinião não se materializar em torno de uma plataforma de luta, estaremos a falar ao vento.

E será que tal é possível? Pensamos que sim. Essa plataforma pode existir. São vejamos:

- Na maioria das escolas desta Universidade a percentagem de reprovações ronda os 60 a 70%. Será que os estudantes não estudam? Pensamos que não é esta a questão. O que acontece é que os ritmos de trabalho estão largamente aumentados. Matéria para vários meses é dada em apenas algumas aulas. Apoio pedagógico quase não existe. Livros necessários para o dia a dia do estudante não se encontram nas bibliotecas.

- O decreto de gestão imposto pelo Cardia retirou o poder aos órgãos democráticos da escola colocando-o nas decisões arbitrárias do Conselho Científico auto-eleito e vitalício. Tenta-se assim acabar com as reuniões democráticas dos estudantes impedindo-os de participar na vida colectiva das escolas. Novas reestruturações caducas e anti-pedagógicas, como reconheceu inclusive largos sectores de professores, começaram a ser impostas pelo MEC. Direitos estudantis, como a participação na marcação de exames e frequências, na escolha dos métodos de avaliação de conhecimentos vão-nos sendo, progressivamente, negados.

- Promoveu Cardia, quando da subida dos preços das cantinas uma subida equivalente das bolsas aos estudantes que delas necessitam. O que aconteceu de facto foi que a subida atingiu unicamente os preços das refeições e das residências universitárias (de 600300 para 1000300). Muitos estudantes, oriundos das classes mais desfavorecidas são atingidos por esta medida e vêm dificuldades em continuar os seus estudos.

- A formação de um governo CDS-PS é, depois do 25 de Novembro, o mais rudo golpe nas liberdades e conquistas de Abril. Os saudosistas de 24 de Abril, os delfins de Gaetano, já governam em Portugal! E, o que ainda é mais de admirar, pela mão do Partido Socialista.

Face a esta situação, só não vê quem não quer:

- A luta contra a selecção e a elitização do ensino - por um ensino crítico, por uma saída profissional,
  - A luta contra o autoritarismo - pela democracia nas escolas,
  - A luta por uma justa política dos Serviços Sociais,
  - A luta contra a política de direita - CDS fora do governo,
- são pontos concretos em torno dos quais podemos cimentar a unidade, transformando-a em acções de massas.

Apelamos a todos os estudantes, a todas as organizações políticas revolucionárias a caminharem lado a lado conosco nessa luta. Pela nossa parte, não esmoreceremos.

Coimbra, 2 de Março de 1978

O Conselho da Zona estudantil Socio Pereira Gomes